

RISCOS OCUPACIONAIS ENVOLVENDO AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM NA ESF

Tassiana Araujo de Melo¹; Marcio Antonio de Assis²

1. Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail: tassiana_mello@hotmail.com
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: marioassis80@gmail.com

Área de Conhecimento: **Enfermagem**

Palavras-Chave: Enfermagem; ESF; Riscos Ocupacionais.

INTRODUÇÃO

Como em toda atividade profissional e, mais especificamente, na enfermagem o trabalho oferece riscos para a saúde dos que o desempenham, sendo que a probabilidade de dano a saúde difere de acordo com o bem ou serviço prestado, podendo ser empregados equipamentos de proteção individual (EPIs), afim de se reduzir a incidência desses agravos (RIBEIRO, 2012). Os técnicos e auxiliares de enfermagem que desenvolvem suas funções em ESF, estão expostos a diversos riscos, em especial os riscos físicos, ergonômicos e psicossociais, devido às atividades desenvolvidas com auxílio de mobiliários anti-ergonômicos, que trazem distúrbios osteomusculares, que afetam seu emocional, desencadeando a insatisfação no trabalho (FERRAZ, 2015). Torna-se fundamental a pesquisa e discussão sobre o assunto, uma vez que, a situação problema é instalada, assimilada pelos colaboradores e pouco se estabelece formas de combate e/ou erradicação da fonte dos riscos, o que favoreceria um ambiente mais agradável para desenvolver suas atividades.

OBJETIVOS

Sendo assim, esse trabalho teve o objetivo de identificar, de acordo com a opinião dos auxiliares e técnicos de enfermagem que atuam na ESF, os riscos físicos, ergonômicos e psicossociais que estão expostos, as consequências já presentes em suas vidas, bem como o que eles têm realizado para minimizar ou anular essas condições.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa, na qual participaram 30 profissionais de enfermagem (auxiliares e técnicos de enfermagem) que atuam em UBS com ESF, há 1 ano ou mais. A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação de um questionário semiestruturado, com perguntas do tipo fechadas, elaboradas pela pesquisadora. Para a realização dessa pesquisa, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade de Mogi das Cruzes, após a aprovação, foi iniciado a coleta de dados, número do Parecer: 2.136.109. Os técnicos e auxiliares que foram convidados a participar do estudo, a partir de sua aceitação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e iniciaram a sua participação na pesquisa, com o preenchimento do questionário desenvolvido. Após a realização da coleta de dados, as informações coletadas foram quantificadas e transformadas em números absolutos e porcentagens, sendo demonstrados por meio de tabelas, bem como foram descritas de forma coesa e contextualizada para melhor compreensão dos fatos.

RESULTADOS

O presente estudo foi realizado com uma amostra de 30 indivíduos, com idades entre 22 e 62 anos, com média de 44,7 anos, sendo 100% da amostra composta por indivíduos de sexo feminino, tal prevalência é uma realidade da classe evidenciada em outros trabalhos de pesquisa (FERRAZ, 2015). As informações obtidas evidenciaram que as técnicas e auxiliares possuem conhecimento sobre o que são riscos ocupacionais e consideram estar expostas aos mesmos. Dentre as diversas doenças que estão relacionadas a atividade de trabalho, as que se relacionam a problemas osteomusculares se destacam, sendo que 66,7% das participantes referiram possuir alguma alteração desse tipo. Quando levantado a hipótese de associação entre as alterações osteomusculares e psicossociais com as atividades desempenhadas no exercício profissional, 80% das técnicas e auxiliares de enfermagem associaram, constatando-se ainda que o procedimento mais mencionado e associado aos riscos é a punção venosa (73,3%), correlacionado com a postura inadequada devido aos mobiliários não ergonômicos e a alta demanda desse procedimento, além da verificação de pressão arterial realizada com o esfigmomanômetro, ambos os procedimentos podem desencadear lesões por esforços repetitivos ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (OLIVEIRA, 2015). O atendimento ao público foi citado por 30% das pesquisadas como um risco a que estão expostas, essa porcentagem revela o impacto das relações entre paciente e profissional, desde a agressividade por parte do cliente durante a assistência, até a realidade de sofrimento vivenciada pelos pacientes, frequentemente presenciada pelo profissional na visita domiciliar, citada por 50% de todas as pesquisadas. Tal situação está correlacionada aos riscos psicossociais que fazem parte do cotidiano desses profissionais e provocam desgastes e insatisfação no trabalho (CARLOTTO, 2017). Uma vez correlacionado uma das formas de atenuar os riscos são as atitudes adotadas pelas profissionais frente as situações prejudiciais a sua saúde. Diante disso, 76,7% das participantes disseram que já desenvolveram alguma mudança para atenuar ou acabar com os riscos e seus efeitos, sendo a busca por atividades físicas e ajuda profissional o método de escolha, com preferência pela academia correspondendo por 26,3% das pesquisadas. Em contrapartida 23,3% não realizaram nenhuma mudança, citando a falta de tempo para desenvolver mudanças próprias para atenuar os riscos como o principal motivo para a não adoção de práticas adequadas para a prevenção de agravos a saúde pelas profissionais, correspondendo a 10% das pesquisadas. A correção postural foi identificada em outro estudo como um método de aplicação de princípios ergonômicos, no qual 55% das participantes referiram realizar durante seu período de trabalho, com o intuito de reduzir os danos osteomusculares (FREIRE, 2017). O posicionamento inadequado para realização das práticas torna o procedimento prejudicial à saúde das técnicas e auxiliares, bem como os movimentos repetitivos realizados durante o período de trabalho, dentre as pesquisadas 13,3% referem corrigir a postura durante suas atividades, afim de minimizar os efeitos negativos sob sua saúde. Ao pensar na rotina de trabalho dos profissionais de enfermagem, nota-se que é comum entre eles as longas jornadas de atividade laboral, geralmente com peso maior sob as mulheres, que desempenham “dupla jornada de trabalho” ao cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos em seu pós-plantão. Tal realidade torna o tempo para o auto cuidado escasso, uma vez que a mulher contemporânea convive com a necessidade de buscar reconhecimento no trabalho e em sua vida pessoal no papel de mãe e mulher, no qual muitas vezes seu esforço passa despercebido pela família e sociedade, tornando-a cansada e desmotivada (CANDATEN, 2016), o que para técnicas e auxiliares de enfermagem implica direta e indiretamente em sua assistência, bem como em sua saúde. Aliado a isso, sabe-se que o campo de trabalho deve proporcionar conforto e segurança ao colaborador, permitindo que suas funções possam ser realizadas com a mínima exposição a riscos possível, uma vez que a presença de riscos ocupacionais torna o exercício profissional um potencial para o adoecimento, o que eleva a

insatisfação do trabalhador (FERRAZ, 2015). Sendo assim, os riscos ocupacionais estão presentes no cotidiano dos técnicos e auxiliares da ESF, bem como em outros setores do serviço de saúde, conhece-los e identifica-los é o principal caminho para reduzir seus impactos na saúde do trabalhador e consequentemente aumentar a qualidade da assistência prestada pelos mesmos.

CONCLUSÃO

O exercício laboral da enfermagem traz vários riscos à saúde dos colaboradores, com ênfase nos riscos físicos, ergonômicos e psicossociais. Nesse estudo evidenciou-se a percepção das participantes quanto a presenças dos riscos ocupacionais, sendo que 100% delas consideraram estar expostas aos mesmos e 80% relacionam tais riscos com suas alterações de saúde, na qual destacam-se as alterações osteomusculares e psicossociais. A punção venosa e a verificação de pressão arterial foram os procedimentos mais associados aos riscos citados pelas profissionais. Foi constatado ainda que as atitudes mais adotadas para atenuar os riscos foram a procura pela prática de atividade física na academia e acupuntura, atos confirmados pela literatura como eficientes frente a problemática levantada na pesquisa. Porém, 10% das profissionais referiram não realizar intervenções devido à falta de tempo, associada a demanda de tarefas na vida dessas mulheres que dividem seu tempo com o trabalho, tarefas domésticas e maternas. Diante de tais fatos, torna-se cabível a intervenção durante o período de trabalho, realizada pela instituição em ações que visem a promoção da valorização desses profissionais, que tem seu desempenho no trabalho e na vida pessoal abalados, outros artigos utilizados no presente estudo reforçam a ideia, trazendo relatos de eficiência perante suas práticas. A carga horária dessas profissionais interfere intimamente em sua saúde, bem como na assistência prestada pelas mesmas. Os riscos fazem parte da rotina dos técnicos e auxiliares de enfermagem e precisam ser identificados e atenuados, afim de reduzir os danos de maneira que o exercício profissional se torne mais agradável e menos doloroso ao colaborador. Por fim, acredita-se que a promoção de saúde a esses profissionais é o melhor caminho diante da atual situação da enfermagem. Sendo assim, um olhar mais humano sob os provedores do cuidado deve se tornar rotineiro e o enfermeiro como líder da equipe é o profissional responsável pela educação continuada e supervisão do trabalho, bem como a gestão, que deve promover condições adequadas para as práticas profissionais.

REFERÊNCIAS

CANDATEN, Deise Mara; ZANATTA, Jocias Maier; TREVISAN, Juliana Karine Dalla Vechia. Mulheres Empreendedoras: Os desafios para equilibrar a vida pessoal e profissional. In: IX EGEPE. ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 2016, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: EGEPE, 2016. Disponível em: <http://egepe.org.br/anais/arquivos/edicaoatual/Artigo507.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2018.

CARLOTTO, Mary Sandra; GONÇALVES; Sheila Câmara. Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v.35, n.3, p. 447-457, 2017. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/799/79952834003/>. Acesso em 17 de dezembro de 2017.

FERRAZ, Lucimare; KESSLER, Marciane; KRAUZER, Ivete; TRINDADE, Letícia; SILVA, Olvani. Estratégia Saúde da Família: riscos ocupacionais dos auxiliares e técnicos de

enfermagem. **Recien**, São Paulo, v.5, n.13, p.20-28, 2015. Disponível em <http://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/91>. Acesso em 07 de maio de 2017.

FREIRE, Lucas Azevedo; SOARES, Thayane Cunha Nunes; TORRES, Vanessa Pio Santos. Influência da ergonomia na biomecânica de profissionais de enfermagem no ambiente hospitalar. **Perspectivas Online: Biológicas & Saúde**. v.7, n.24, p.72-80, 2017. Disponível em https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/view/1149/929. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Max. Moura; ANDRADE, Silvânia Suely Caribé de Araujo; SOUZA, Carlos Augusto Vaz; PONTE, Jully Nascimento; SZWARCOWALD, Célia Landmann; Malta, Deborah Carvalho. Problema crônico de coluna e diagnóstico de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) autorreferidos no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.24, n.2, p.287-296, 2015. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?pid=S1679-49742015000200011&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em dezembro de 2017.

PEREIRA, Leni; SILVA, Pollyanna; RODRIGUES, Marine; JESUS, Rosiane; SILVA, Luciney. Relato de experiência: A pesquisa de campo no âmbito da extensão universitária. **Revista Intercâmbio**, v.6, p.149-155, 2015. Disponível em: <http://www.intercambio.unimontes.br/index.php/intercambio/article/view/71/66>. Acesso em 09 de maio de 2017.

PIRES, Denise. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v.62, n.5, 2009, p. 739-744. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500015. Acesso em 03 de maio de 2017.

RIBEIRO, Maria. A nocividade do trabalho: os riscos à saúde do trabalhador. In: *Enfermagem e Trabalho: fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores*. 2. ed. São Paulo: Martinari, 2012. p. 39-50.

SILVA, Leandra Carla; SALLES, Taciana Lucas Afonseca. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. **Revista de Carreiras e Pessoas**. São Paulo, v.6, n.2, p.234-247, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/29361/20473>. Acesso em 10 de março de 2018.